

## **Sem educação não há globalização: para uma globalização plural e humanizada**

**Darlinda Moreira**  
**CEMRI, Universidade Aberta - Portugal**

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo principal refletir sobre as relações da educação com os processos de inclusão e de globalização. Começa por apresentar a educação, enquanto instituição, como um fenómeno global e colocar questões educacionais que surgem com a dinâmica da globalização, designadamente a diversificação tanto dos contextos educativos como da população que procura as instituições de ensino. De seguida argumenta que: i) a educação tem sido um dos pilares da globalização, ao contribuir para dotar o indivíduo e as comunidades com conhecimentos, competências e comportamentos indispensáveis ao contato multicultural, subjacente à globalização e presente nas várias dimensões da vida social, e que ii) o fortalecimento da educação, nas vertentes que constituem a Educação Global, designadamente, a Educação para a paz, interculturalidade, desenvolvimento e cidadania, imprescindíveis à construção de uma globalização mais equitativa e participada.

**Palavras-chave:** Educação Global; interculturalidade; ambientes educativos digitais; globalização; processos educativos locais.

### **INTRODUÇÃO**

As relações entre a educação e a globalização são antigas e multifacetadas. Desde sempre os sistemas educativos, do ensino básico ao superior, têm subjacente uma visão universalista ao promover transnacionalmente: uma organização semelhante do conhecimento; a mobilidade; o contacto entre culturas e a criação de uma mente letrada e universal cujas competências possibilitem a orientação e a intervenção em ambientes cada vez mais multiculturais, globais e, mais recentemente, também digitais. Com efeito, atendendo à dimensão global da cidadania, isto é, às responsabilidades e deveres do cidadão no que diz respeito à sua participação na

sociedade, e às decisões que constrói e que se projetam para além do local, é necessário focar a atenção na importância do desenvolvimento de competências tanto para a intervenção como para a participação relacionada com os fenómenos globais.

Como tenho vindo a referir (Moreira, 2002, 2007, 2009) a desejável dupla função da escolarização – a promoção da dimensão global do indivíduo, projetando, simultaneamente, a sua dimensão local, nomeadamente, enquadrando e participando no diálogo entre os sistemas de pensamento locais e os processos de globalização – contemplaria a heterogeneidade dos vários grupos sociais a partir da projeção das experiências culturais locais enquadradas nas realidades globais, possibilitando a multidisciplinaridade do conhecimento e enriquecendo as ações que traduzem a ideia de um futuro de diversidade sem desigualdade. Em resumo, o papel da escolaridade na democratização do saber relaciona-se intimamente com a democratização dos processos de globalização do conhecimento, na medida em que é necessário criar harmonia com conhecimentos locais. Merece igualmente destaque o papel que as escolas e as instituições de ensino têm desenvolvido, não só ao dinamizar e projetar o local, mas também na forma como vão tentando observar, negociar e integrar vertentes globais, em realizações individuais ou nas comunidades locais.

### **O fenómeno global das instituições educativas**

Na 1ª edição do Journal *Globalisation, Societies and Education*, 2003, Dale e Roberts escreviam no Editorial

a educação é a instituição mais comumente encontrada e mais comumente compartilhada de todas as experiências no mundo contemporâneo.

Com esta afirmação denota-se a educação como fenómeno global, de escala mundial e elevado índice de penetração regional, muito embora não tanto como gostaríamos dado que, atualmente, cerca de 264 milhões de crianças e jovens, em todo o mundo, se encontram sem acesso à escolaridade, em virtude de desigualdades existentes entre nações e regiões do planeta.

Sendo importante harmonizar o saber escolar institucional, com uma perspetiva mais localista da educação, vamos de seguida aprofundar vertentes que ajudam a

compreender como esta visão global revela modelos que afetam os educadores em situações locais. Reunimos, assim, um conjunto de questões e observações que discutem a dimensão global da educação na sua articulação com a instituição escolar local. Começamos com Anderson-Levitt (2003) que pergunta:

Existe uma cultura global escolar ou existem muitas? Quem são os melhores conselheiros para as reformas educativas? Os políticos do Banco Mundial e da UNESCO, ou os professores que trabalham diretamente numa escola local?  
(Anderson-Levitt, 2003, p.4)

Por seu lado Romani (2004) reforça que “a escola tem que ser local, como ponto de partida, mas internacional e intercultural, como ponto de chegada” (p.15), e Moreira (2009) argumenta que é necessário “... construir ligações entre formas de conhecer, agir e pensar localmente com formas de agir e pensar que englobem dimensões mais amplas da sociedade” ( p.64).

Por outro lado, é já no atual cenário de globalização da sociedade e da economia, vivida nas comunidades locais de forma diversificada, que surge a necessidade da escola e instituições de ensino superior contribuírem eficazmente para o desenvolvimento de uma cultura de paz, tolerância e cidadania. Lembramos que já nos anos 70 do século passado, mais precisamente em 1974, a Conferencia Geral da UNESCO, aprovou a *Recomendação para a Compreensão, a Cooperação e a Paz Internacionais e a Educação relativa aos Direitos Humanos e Liberdades Fundamentais*, que incentivou o debate sobre a contribuição da educação escolar para alcançar a paz e a tolerância entre os povos.

### **Globalização, glocalização e educação**

A presença das instituições educativas e respetivos sistemas em todas as nações do planeta não são as únicas características que contribuem para a aceção da educação como fenómeno global. Como já referimos anteriormente, existe um enquadramento mundial que traça as linhas gerais de concepção e implementação das instituições educativas independentemente do local onde se encontram. Estas orientações distinguem-se em diferentes vertentes e destacamos, em primeiro lugar, a

educação como um direito humano universal. Em 1995, com a publicação da Declaração e Plano de Acção Integrado sobre a Educação para a Paz, os Direitos Humanos e a Democracia, a UNESCO propõe ações educativas que promovam a paz, os direitos humanos e a democracia, em todos os níveis de ensino. Nomeadamente proclama a década de 1995-2004 como a Década para os direitos humano em educação, recomendando a elaboração de currículos respeitantes aos direitos humanos, democracia, paz, tolerância e compreensão internacional. Acrescente-se que estes princípios têm conduzido à não desistência da causa da educação para todos, mesmo nos pontos mais remotos do planeta, e induzido a sua implementação e generalização, bem como a luta contra o analfabetismo.

Outra vertente que caracteriza a educação a nível global é a clara semelhança entre os vários sistemas educativos, no que diz respeito às múltiplas dimensões que os definem, bem como a adoção de políticas, discursos e práticas educativas similares ao nível dos currículos, da organização escolar e dos princípios pedagógicos. Isto é, as escolas funcionam à escala mundial tendo subjacente o modelo organizativo das “salas de aula” e das “turmas” e tendo por base uma organização curricular por disciplinas que tendem a estar agrupadas num tronco comum que, também mundialmente, é idêntico, pelo menos no ensino elementar que tem como objetivo primeiro ensinar a ler, escrever e contar, ou seja, a promover o primeiro nível da literacia. Além disso, por exemplo, os níveis de escolaridade existentes em todo o mundo também são similares, dividindo-se em elementar ou básico, médio e universitário, independentemente de outras subdivisões específicas de cada país, bem como a organização do conhecimento em áreas disciplinares e respetivas semelhanças nos currículos.

As redes globais de conhecimento e de circulação de ideias são outro traço fundamental das atuais instituições de ensino que contribuem não só para a percepção da educação como fenómeno global, pois conecta a comunidade mundial dos trabalhadores do conhecimentos, principalmente professores e investigadores, mas também porque é basilar para a construção do visionamento comum daquilo que é necessário aprender em todo o planeta, ou seja, a literacia global – construindo, deste modo, uma visão da educação como fortemente associada ao processo de globalização.

De igual modo, a existência de empresas multinacionais e de um mercado internacional em torno de produtos escolares e da tecnologia educativa, a par de um

marketing global da educação superior, tem vindo a edificar uma vertente económica mundial que, juntamente com a utilização do inglês enquanto língua de comunicação académica e internacional, se pode identificar como outra das características que acentuam a educação como um campo global (Spring 2009).

Os sistemas de educação a distância e em rede e o elearning, com a consequente implicação no desenvolvimento de competências para a comunicação global, é mais uma vertente que evidencia a dimensão global da educação, enquanto instituição. Com efeito, a tecnologia subjacente a esta era de globalização tem vindo a permitir o reconhecimento de novas modalidades de ensino que, entre outros benefícios, tem possibilitado a entrada no sistema de indivíduos dos grupos tradicionalmente afastados das instituições de ensino superior, como por exemplo:

- ◆ os alunos provenientes de famílias que não foram anteriormente para a universidade,
- ◆ os estudantes de famílias de baixo rendimento,
- ◆ estudantes de grupos étnicos minoritários,
- ◆ aqueles que vivem em localidades que tradicionalmente têm sido consideradas como “ áreas de baixa participação”,
- ◆ os estudantes maiores de 65 anos
- ◆ os estudantes com necessidades especiais. (Merrill e Tett de 2013, p.116)

Por último destacamos o papel das migrações em grande escala e respetivas influências nas escolas e nos sistemas de ensino, os quais se veem obrigados a produzir abordagens pedagógicas para acolher a diferença (educação multicultural, educação indígena, educação para a paz e para a cidadania, mais recentemente agrupadas sob a designação de educação global (Declaração da Educação Global de Maastricht; 2002)) e, deste modo, promovem uma visão da humanidade plural onde os indivíduos são cidadãos do mundo.

Se são evidentes e claras as características que tornam a instituição escolar uma instituição que acompanha os processos de globalização, outros inúmeros estudos mostram como esta tendência é infletida pelas intervenções das comunidades educativas locais que a melhor adequam aos traços culturais e sociais das respetivas comunidades. Os sistemas educativos locais concretizam medidas políticas que adaptam normativos e testes internacionais, e introduzem no currículo aspetos relacionados com o etnoconhecimento e a geografia local, evidenciando a diferença

como algo imprescindível e que humaniza e particulariza as tendências homogeneizantes, mostrando como cada ser humano é único e imprescindível na sua natureza,

### **A Educação Global é a educação para a contemporaneidade**

Do que foi exposto anteriormente, a par dos processos educativos globais destacamos a contribuição do processo educativo escolar local, onde o reconhecimento da diversidade tanto de saberes como das formas de aprender pretende transformar-se numa postura quotidiana. As populações escolares multiculturais refletem as sociedades contemporâneas e, por isso, a aprendizagem para a compreensão do Outro e do saber do Outro deverá ser praticada na escola, como uma das componentes de uma educação para a tolerância e para a paz, indispensável para construir uma globalização plural e humanizada. Ou seja, argumentamos que a escola deve protagonizar o papel de intermediação para um diálogo do local com o global, entendendo por Saber local a preservação e desenvolvimento das culturas locais, do conhecimento e práticas locais (formas de conhecer de resolver problemas e de atuar ao nível local) e por Conhecimento global a comunicação em grupos multiculturais (interculturalidade) e em dimensões de maior escalas ou escalas globais (Moreira, 2007, 2009)

Em particular, reconhecemos as seguintes vertentes como integrantes de práticas escolares locais que fundamentam uma educação global:

- Compreensão cultural e o diálogo intercultural.
- Desenvolvimento da consciência, sensibilidade e compreensão global do mundo em que vivemos.
- Aprendizagem ao longo da vida e envolvimento cognitivo, comportamental e relacional com o mundo.
- Conhecimento interdisciplinar e resolução de problemas.
- Fundamentação e consciencialização sobre o papel da Ciência e da Tecnologia nas sociedades contemporâneas.
- Discussão dos contributos que a ciência e tecnologia transportam para o indivíduo e para a sociedade.

## Considerações Finais

Considerando o fenômeno de globalização como uma “glocalização”, isto é, uma globalização humanizada porque negociada e envolvida com os processos que perspectivam a globalização como situada e recontextualizada pelos saberes locais, a preocupação com a educação, com o conhecimento humano, e com a forma como este opera e se aplica, deve ser fonte permanente de observação de todos os indivíduos e dos seus grupos sociais, amplamente refletida e escutada num conjunto, o mais polifônico possível (Moreira, 2002).

A humanidade ao alargar cada vez mais as diferentes áreas do conhecimento e dos saberes tem de apostar na educação, enquanto fenômeno global para acompanhar o processo integrador do conhecimento, importante para a percepção da complexidade do conjunto dos problemas atuais, sobretudo em questões e decisões que tenham de ter em conta um conjunto de variáveis de proveniência diversa e que visam todo o planeta. É indispensável que a educação para todos conduza as “pessoas comuns” a uma compreensão razoável da complexidade dos problemas que a humanidade enfrenta atualmente. As iniciativas comunitárias, os processos criativos do saber, a organização e a visão de conjunto do saber coletivo são processos indispensáveis para que a esperada transformação democrática do conhecimento se realize em benefício de todos. Assim, secundamos a ideia de que o sucesso educativo deve incluir o uso e os saberes locais no ambiente escolar, comparando-os, relacionando-os e integrando-os com os de outras culturas, elaborando uma nova lógica cultural *glocal* que é necessário aprender e generalizar.

A aprendizagem para a compreensão do Outro e do saber do Outro deverá sem dúvida ser praticada na escola, fazendo parte da interiorização da tolerância e da sua aplicação para posteriormente explorar a questão de como o reconhecimento da diversidade de saberes e das formas de aprender é uma das componentes de uma educação global que se reflete no futuro em oportunidades de organização social mais justas, em cooperação e tolerância face às diferenças. No âmbito da Educação, onde se inclui:

- a educação para a paz
- a educação para a cidadania

❑ a educação intercultural

que no seu conjunto, definem o programa da Educação Global, colocamos a esperança de um futuro de oportunidades e de organização social mais justas e colaborativas face à inclusão das diferenças.

Em síntese, uma educação para a *glocalização* deve educar “toda a criança para o mundo inteiro” (Suárez-Orozco, Suárez-Orozco, & Todorova 2007)

### Referências

Anderson-Levitt, K. (2003) *Local meanings, Global Schooling*. Nova Iorque: Palgrave MacMillan

Dale, R. & Robertson, S. (2003) Editorial Introduction” *Globalization, Societies and Education* 1 (1) p.3-11

Declaração da Educação Global de Maastricht (2002) Guia Prático Para a Educação Global . Global Education Week Network . Centro Norte-Sul do Conselho da Europa <https://rm.coe.int/168070eb92> (consultado em 1/03/2019)

Merrill e Tett de 2013 Editorial: Access, retention and withdrawal: A European perspective. *Studies in the Education of Adults Vol. 45, N.º 2*, DOI: 10.1080/02660830.2013.11661645

Moreira, D (2009) Etnomatemática e mediação de saberes matemáticos na sociedade global e multicultural. Em Fantinato. M. C. C. B (Org.). *Etnomatemática: novos desafios teóricos e pedagógicos* (pp. 59- 68). Niterói, RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense.

Moreira, D. (2007) Filling the gap between Global and local mathematics. In, *Proceedings of the Fifth International Conference of the European Research Association on Mathematics Education, 22-26 February, 2007 - Larnaca Cyprus*. pp. 1587-1596. ERME (European Society for Research in Mathematics Education) & Department of Education, University of Cyprus (Eds) ISBN -978-9963-671-25-0 <http://hdl.handle.net/10400.2/5818>

Moreira, D. (2002) *As contas da vida: interação de saberes num Bairro de Lisboa*. Tese de doutoramento. Departamento de Antropologia ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Romani, et al. (2004). Estação: Paulo Freire. In: *Lucchesi, M. A. S. (Org.), Conhecimento e pesquisa no mestrado em educação: pesquisa em pós-graduação*. Santos. L. (Série Educação)

Spring, J. (2015) *Globalization of Education*. Nova Iorque: Routledge

Suárez-Orozco, M., C. Suárez-Orozco & I. Todorova (2007). *Learning in a new land: The children of immigrants in American schools*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

UNESCO (1995) Declaração e Plano de Acção Integrado sobre a Educação para a Paz, os Direitos Humanos e a Democracia.

[https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000112874\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000112874_por) (consultado em 1/03/2019)

UNESCO (1974) Recomendação da Unesco sobre a Educação para a Compreensão, Cooperação e Paz Internacionais e a Educação relativa aos Direitos Humanos e Liberdades Fundamentais

<http://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/recomunesco-educacao.pdf>  
(consultado em 1/03/2019)